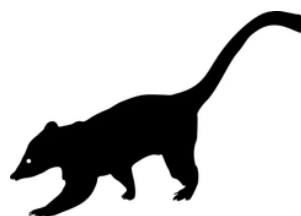


A FAUNA SILVESTRE DO JARDIM BOTÂNICO



JARDIM BOTÂNICO | UFJF

1ª EDIÇÃO



A FAUNA SILVESTRE DO JARDIM BOTÂNICO

Camila Mendonça Toledo
Larissa Aparecida Medeiros



2023

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Medeiros / Toledo, Camila Mendonça / Larissa Aparecida.

A Fauna Silvestre do Jardim Botânico : Listagem dos principais animais registrados no Jardim Botânico da Universidade Federal de Juiz de Fora / Camila Mendonça / Larissa Aparecida Medeiros / Toledo. -- 2023.

92 p. : il.

Orientadora: Cláudia Avellar Freitas

Coorientadora: Breno Moreira Motta

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Educação, 2023.

1. Animais Silvestres . 2. Fauna. 3. Biodiversidade. 4. Conservação. 5. Jardim Botânico. I. Freitas, Cláudia Avellar, orient. II. Motta, Breno Moreira, coorient. III. Título.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos a professora orientadora do projeto, Cláudia Avellar Freitas, pelos valiosos ensinamentos que nos permitiram apresentar um melhor desempenho na elaboração da obra e também, por todo suporte oferecido no decorrer do processo.

Ao supervisor do projeto, Breno Moreira Motta, agradecemos por toda a assistência prestada, pelo incentivo em concretizar essa ideia e pela rica troca de saberes.

Agradecemos ainda, aos fotógrafos Helcio Lavall e Lucas Morgado, autores da maior parte das fotografias aqui expostas, que nos permitiram reproduzi-las e assim, completar a obra com tamanha beleza.

I. INTRODUÇÃO

Apresentação das autoras	8
Apresentação dos orientadores	9
Apresentação da obra	10
Objetivos	11

I. MAMÍFEROS

Bicho-preguiça	14
Sagui	15
Bugio	16
Sauá	17
Quati	18
Capivara	19
Irara	20
Lontra	21
Onça-pintada	22
Jaguaririca	24
Tamanduá-mirim	25
Paca	26
Tapiti-comum	27

I. AVES

Surucua	29
Garça-real	30
Marreco-ananaí	31
Canário-da-terra	32
Martim-pescador-pequeno	33
Biguá	34

Quero-quero	35
Pomba-asa-branca	36
Jacu	37
Tucano-de-bico-verde	38
Juruva	39
Rabo-branco-rubro	40
Maria-faceira	41
Frango-d'água	42
Tucanaçu	43
Teque-teque	44
Sanhaço-do-coqueiro	45
Beija-flor-de-peito-azul	46
Gavião-caramujeiro	47
Gralha-do-campo	48
Pica-pau-de-banda-branca	49
Saracura-do-mato	50
Alma-de-gato	51
Tiê-sangue	52
Pica-pau-rei	53
Araçari-de-bico-branco	54
Bem-te-vi	55
Urubu	56
Carcará	57
Saíra-douradinha	58
Tuim	59

I. RÉPTEIS

Jararaca	61
Cascavel	62
Falsa-coral	63

Cobra-cipó-verde	64
Teiú-gigante	65
Tartaruga-tigre-d'água	66
Cágado-de-barbicha	67
I. ANFÍBIOS	
Sapo-cururu	69
Perereca-verde	70
Perereca-dormideira	71
Perereca-de-folhagem	72
I. ATRÓPODES	
Aranha-caranguejo-das-flores	74
Aranha-do-fio-dourado	75
Aranha-caranguejeira	76
Broca-do-bambu	77
Libélula	78
Abelha iraí	79
Abelha mombucão	80
Abelha mandaçaia	81
Abelha tubuna	82
Abelha mirim-preguiça	83
Cigarra	84
Lagarta-de-fogo	85
Borboleta	86
Besouro	87
Vespa	88
VII. MAPA	90
VIII. REFERÊNCIAS	91

APRESENTAÇÃO DAS AUTORAS

A presente obra foi confeccionada, com muito carinho e dedicação, por Camila Mendonça Toledo e Larissa Aparecida Medeiros, na época, estudantes do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas pela Universidade Federal de Juiz de Fora. Trata-se do produto final da disciplina intitulada "Estágio Supervisionado em Ensino de Biologia II", durante o primeiro semestre letivo do ano de 2023.

“Atualmente, exercemos o papel de monitoras de Educação Ambiental no Jardim Botânico da UFJF, por meio do projeto de extensão - Implementação das Ações de Educação Ambiental no Jardim Botânico. Atuamos ainda como integrantes do projeto de extensão - Coleção Itinerante de Zoologia da UFJF (CIZ-UFJF) - que leva a biodiversidade para escolas e eventos.”



Camila Mendonça Toledo



Larissa Aparecida Medeiros

APRESENTAÇÃO DOS ORIENTADORES

Cláudia Avellar Freitas

Pós-doutora e Doutora em Educação e Inclusão Social pelo PPGE-UFMG, possui graduação em Ciências Biológicas (1997) e mestrado em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais (2002). Realiza investigações no campo da Educação, com ênfase em ensino de Ciências e Biologia, pesquisando, principalmente, os seguintes temas: multimodalidade no ensino de ciências e biologia, formação de professores, ação docente, escolarização, linguagens e livro didático de ciências e de biologia. Lecionou no ensino básico em escolas das redes particular e estadual de ensino de Minas Gerais. Atualmente leciona no ensino superior, na Faculdade de Educação da UFJF, atuando nos cursos de licenciatura em ciências biológicas, enfermagem e pedagogia. Faz parte do Núcleo de Educação em Ciências, Matemática e Tecnologia da UFJF (NEC), espaço interdisciplinar de formação docente, divulgação científica e Laboratório Interdisciplinar de Formação de Educadores (LIFE/CAPES) e do grupo de pesquisa CoMtextos.

Breno Moreira Motta

Graduado em Ciências Biológicas (Bacharelado e Licenciatura) pela Universidade Federal de Juiz de Fora - MG / Brasil (2011), Mestre em Ecologia Aplicada à Conservação e Manejo de Recursos Naturais - UFJF (2014), Doutor em Ecologia Aplicada à Conservação e Manejo de Recursos Naturais - UFJF (2017). Trabalhou como professor efetivo da rede estadual de ensino de Minas Gerais. Atualmente é diretor do Jardim Botânico da Universidade Federal de Juiz de Fora e atua em projetos de docência, educação ambiental e educação à distância.



APRESENTAÇÃO DA OBRA

O Jardim Botânico da Universidade Federal de Juiz de Fora, por sua extensão, que totaliza 82,74 hectares de Mata Atlântica em excelente estado de conservação, permite a existência de uma rica biodiversidade e a presença marcante de diversos animais convivendo com a população. A fauna presente no local inclui até animais de topo de cadeia, a exemplo da onça-pintada, cuja aparição foi registrada em maio de 2019.

Porém, como é comum em outras áreas florestais, a fauna é de difícil visualização. Fatores como o tamanho significativo da área, os diferentes hábitos dos animais, o barulho e movimentação intensa no local, em razão do fluxo de pessoas, entre inúmeras outras questões, influenciam diretamente na dificuldade em avistar os animais.

Diante disso, apresentamos aqui, uma lista de alguns dos animais já avistados no Jardim Botânico, sendo estes, os mais conhecidos dentre: mamíferos, aves, répteis, anfíbios e artrópodes. Dessa forma, a criação deste catálogo torna acessível ao público em geral, um compilado da fauna local, de forma simples e gratuita. A obra conta com uma fotografia de cada animal, acompanhada por uma ficha biológica com suas principais características e curiosidades, além de possíveis locais de avistamentos em alguns casos, tudo em linguagem bastante acessível.

Nesse sentido, será possível conhecer um pouco mais sobre a fauna silvestre do Jardim Botânico, que é bastante diversificada, além de admirar sua grande beleza pelas fotografias. Mas ainda assim, incentivamos que os visitantes, em suas caminhadas pelas trilhas do Jardim Botânico, tenham um olhar atento para a observação dos animais que ali residem, contemplando sua beleza, características e comportamentos. Sendo possível que aprofundem o seu conhecimento sobre eles, em especial, com o uso deste recurso.

Ademais, este Catálogo não pretende ser completo, abrangendo todos os animais que vivem no local e fazendo uma descrição detalhada sobre cada um deles. Ele procura, principalmente, proporcionar ao visitante uma lista fotográfica de alguns dos animais que ali ocorrem, facilitando assim, o que esperar durante a visita. Além de servir como uma ferramenta de Educação Ambiental, que visa a proteção e conservação da fauna, assim como, o reconhecimento da importância dessa e das demais áreas de preservação ambiental.

As fotos reunidas neste Catálogo pertencem ao Instagram e ao acervo pessoal do Jardim Botânico. Grande parte dos registros foi feita pela equipe do local, outra parte, pelos próprios visitantes, que permitiram a publicação em rede social pela instituição. A autoria de cada uma das fotografias está assegurada pela indicação nominal dos autores. Vale destacar ainda, que as fotografias não se encontram na mesma escala de tamanho.

OBJETIVOS

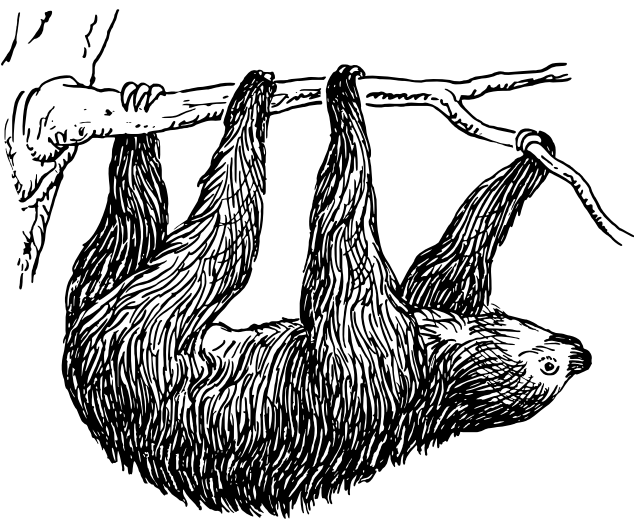
O Jardim Botânico da Universidade Federal de Juiz de Fora, estabelece uma ponte entre as pessoas e o meio ambiente, estimulando a sensibilidade em todos os seus aspectos e criando um elo para a preservação. Diante disso, a presente obra se mostra como uma ferramenta de Educação Ambiental para compor essa cadeia de boas práticas ambientais, visando principalmente, a proteção e conservação da fauna. Organizada de forma didática e com linguagem acessível, a obra amplia a rede de informações sobre a fauna local e permite ao leitor, conhecer para preservar.

Mais do que informações sobre os 70 animais retratados, o livro evidencia a importância do espaço do Jardim Botânico como lar dessas e de inúmeras outras espécies animais. Reforçando ainda, o grande desafio de conciliar a conservação ambiental com o uso dos espaços públicos, o que evidencia a importância que cada um de nós desempenhamos nesse cenário. Ademais, esperamos com esta publicação, contribuir para a formação dos mediadores de visitas ao local, enriquecendo suas narrativas com informações sobre a nossa fauna.

Listagem dos principais animais registrados no Jardim Botânico da Universidade Federal de Juiz de Fora



Mamíferos





Bicho-preguiça

O bicho-preguiça é um mamífero encontrado exclusivamente na América do Sul e Central. São animais inofensivos, conhecidos por seus movimentos lentos e estilo de vida arborícola (vivem nas árvores). Esses animais têm o hábito de dormir cerca de 20 horas por dia. São considerados folívoros, pois sua dieta consiste principalmente de folhas, embora algumas espécies também se alimentem de frutas e flores. No Jardim Botânico, é comum avistar esse animal nas Embaúbas, uma árvore que também é conhecida como “árvore do bicho-preguiça”.



Sagui

O sagui ou mico-estrela é conhecido por ser um primata arborícola de pequeno porte. No Brasil, pode ser encontrado em diferentes biomas, como a Mata Atlântica, o Cerrado e a Caatinga. Geralmente, passa a maior parte do tempo em grupos familiares, explorando as copas das árvores em busca de alimentos. Se alimenta, principalmente, de: insetos, frutas, sementes, ovos e seiva das árvores. Possuem comportamentos típicos, como a catação social (busca conjunta por alimentos ou recursos), vocalização, o forrageio (procura ativa por recursos alimentares), o descanso e o deslocamento pelas árvores. No Jardim Botânico, é comum avistar estes animais circulando pelas árvores ou até mesmo pelos fios da rede elétrica.



Bugio

O bugio-ruivo, bugio-marrom ou simplesmente bugio, é uma espécie de primata que habita o leste e o sudeste do Brasil e apenas uma província na Argentina. Sua pelagem consiste em tons de marrom e ruivo, mas sua característica mais marcante é o som emitido pelos machos, que pode ser ouvido a longas distâncias. A vocalização desses animais pode se assemelhar a gritos, latidos ou rugidos, variando conforme a informação que deseja ser passada. Uma vez que são animais sociais, vivem em grupos familiares de 3 a 15 indivíduos, sempre liderados por um macho. São predominantemente folívoros, ingerindo principalmente brotos e folhas jovens.



Sauá

O sauá, também chamado de guigó, é um primata nativo da nossa Mata Atlântica. Possui toda a face, mãos e pés de cor preta, com o restante do corpo de cor amarronzada. Esses animais vivem em pequenos grupos familiares de até 5 indivíduos e se alimentam principalmente de frutos, podendo consumir também, folhas e insetos. São hábeis saltadores mesmo estando com os filhotes nas costas.



Quati

Os quatis são mamíferos que vivem em bandos, que podem chegar a ter mais de 20 indivíduos. Seu nome tem origem no Tupi e significa nariz pontudo. Esses animais possuem uma longa cauda listrada, geralmente com o mesmo comprimento do corpo do animal. Apresentam uma dieta diversificada, alimentando-se de pequenos animais como roedores, aves, répteis e insetos. Além disso, eles também consomem uma ampla variedade de frutos, desempenhando um papel importante na dispersão de sementes. No Jardim Botânico, é comum avistá-los se alimentando dos frutos da jaqueira na época de produção.



Capivara

A capivara é um mamífero que se destaca pelo título de maior roedor do mundo. Seu nome possui origem tupi-guarani e significa “comedor de capim”, já que são animais herbívoros, que se alimentam de gramíneas e até mesmo de plantas aquáticas. Pastam, principalmente, ao entardecer. São animais sociais, vivendo em bandos que têm em média, entre 10 e 30 indivíduos, apresentando um macho dominante, várias fêmeas e indivíduos mais jovens. Uma vez que precisam da água para várias de suas atividades, como se esconder de predadores e se reproduzir, vivem em locais próximos ao ambiente aquático, podendo ser vistos ao longo do Rio Paraibuna e até mesmo no lago do Jardim Botânico.



Irara

A Irara pode ser encontrada em regiões tropicais que se estendem do México até o norte da Argentina. Seu nome vem da junção dos termos tupis *ĩrá* (mel) e *rá* (tomar). No Brasil também é chamada de papa-mel, um dos seus alimentos preferidos. É uma espécie tipicamente florestal, abrigando-se em ocos de árvores e troncos, e em tocas feitas por outros animais. Possuem um corpo esguio e alongado, com cauda comprida e peluda.



Lontra

As lontras são mamíferos encontrados no Brasil e em várias partes da América do Sul. São animais territorialistas e tendem a viver de forma solitária. As patas das lontras possuem membranas interdigitais (tecido que une os dedos), o que é essencial para a natação, assim como sua cauda resistente. Esses animais têm uma dieta principalmente composta por peixes e crustáceos, mas também podem caçar mamíferos pequenos, aves, anfíbios e moluscos. Geralmente, a lontra captura suas presas no ambiente aquático, porém as consome apenas em terra firme.



Onça-pintada

A onça-pintada é uma espécie de mamífero carnívoro (que se alimenta de outros animais). É o maior felino das Américas e o terceiro maior do mundo, após o tigre e o leão. Esse animal apresenta como característica marcante, pelagem de cor amarelada com a presença de manchas em formato de roseta. Essas manchas são diferentes em cada indivíduo, podendo ser comparadas à impressão digital dos seres humanos. Sua mordida é considerada uma das mais fortes do reino animal. Possuem uma excelente visão noturna, já que caçam à noite, além da capacidade de produzir um som bastante grave chamado esturro, que atua na comunicação. Em geral, as onças apresentam hábitos solitários e são animais territorialistas, demarcando seu território com urina, excrementos e marcas de garras.

Outras aparições - Câmera Trap

A armadilha fotográfica, também chamada de câmera trap, é um mecanismo que captura o registro fotográfico de animais. São registros não invasivos, ou seja, com o mínimo de interferência humana possível, sem causar incômodo ou lesão no animal observado. As fotografias a seguir são registros das câmeras trap espalhadas ao longo do Jardim Botânico.



Jaguar tigris

A jaguar tigris é um felino mediano, ou seja, é menor que as onças e maior que os gatos. No Brasil ocorre em todo território, com exceção dos Pampas e do Rio Grande do Sul. Como a maioria dos felinos, é um animal noturno, ou seja, dorme durante o dia e à noite sai para caçar. É um animal carnívoro e predador, que está no topo da cadeia alimentar. Se alimenta da carne de animais menores, como, por exemplo: mamíferos, peixes, répteis, roedores, aves, dentre outros. Vive de forma solitária e apresenta comportamento territorialista.



Tamanduá-mirim

O tamanduá-mirim ou tamanduá-colete, é um mamífero nativo da Mata Atlântica brasileira. Apresenta um padrão de coloração em sua pelagem, que lembra um “colete”. É mais ativo à noite, e durante o dia, procura árvores ocas para descansar. Quando se sente ameaçado, adota uma postura “bípede”, apoiando-se nos membros posteriores e na cauda para parecer maior e mais ameaçador. Alimenta-se principalmente de formigas e cupins. Com suas garras, é capaz de perfurar os duros formigueiros e cupinzeiros, para então utilizar sua língua, que é grudenta, para capturar várias formigas ou cupins de uma só vez.



Paca

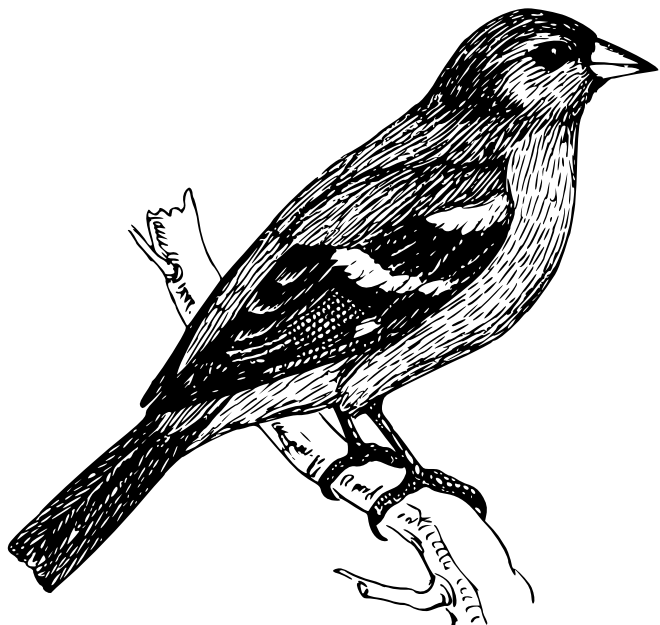
A paca é uma espécie de roedor de médio a grande porte, que perde por tamanho apenas para a capivara, sendo considerada assim, o segundo maior roedor do Brasil. Pode ser encontrada desde a América Central, até a América do Sul. Apresenta colorações de variados tons, pele dura e pelos eriçados. Estando sempre em alerta, a paca é extremamente cautelosa. É um animal noturno e herbívoro, portanto sua dieta é à base de frutas, folhas, vegetais, sementes e raízes.



Tapiti-comum

O tapiti-comum, também conhecido como candimba, coelho-do-mato ou somente lebre, é uma espécie de tamanho pequeno a médio, com cauda pequena e orelhas curtas. Ocorre na metade norte da América do Sul, incluindo Peru, Bolívia, Paraguai, norte da Argentina e grande parte do Brasil. Discreto e solitário, apresenta hábitos noturnos e se esconde em tocas durante o dia, passando despercebido. Consome cascas, folhas, brotos e talos de vegetais.

Aves





Surucuá

O surucuá habita matas e cerrados e se alimenta de insetos, vermes, moluscos e frutas, especialmente do palmito juçara. Apesar de ser um pássaro quieto que passa longos períodos de descanso em um poleiro, durante a época de reprodução, o macho apresenta comportamento muito territorialista, não só na região onde está situado o ninho, mas também defende as áreas onde estão localizadas suas fontes de alimento. Ele persegue outras aves e predadores mesmo longe do local do ninho por um voo direto até o intruso, acompanhado da emissão de gritos. Belas exhibições aéreas são realizadas, e nelas, as asas abertas e a cauda em leque são expostas, dando a ave uma aparência bem maior.



Garça-real

A garça-real está presente em quase todas as regiões brasileiras, exceto Rio Grande do Sul. É muito distinta das outras garças, sendo a única com a região ao redor dos olhos e da base do bico azuis. Apresenta ainda, uma coroa preta sobre a cabeça com 4 ou 5 longas plumas brancas. Vive geralmente solitária, mas pode formar grupos de 2 ou 3 indivíduos. Alimenta-se principalmente de peixes, mas caça também sapos, rãs, girinos, insetos aquáticos e crustáceos. Aproxima-se das margens de rios ou lagoas, ficando parada à espera da presa, que pega em um golpe certo. É fortemente territorial, podendo permanecer no mesmo local de forrageamento (onde busca por alimento) por semanas.



Marreco-ananaí

O marreco-ananaí tem pequeno porte e vive em lagoas e banhados. O macho e a fêmea possuem características diferentes, como a cor do bico, sendo vermelho nos machos e preto nas fêmeas. Se alimenta de plantas aquáticas, crustáceos e mariscos, além de insetos, minhocas e grãos. Passa grande tempo dentro da água e nas margens procurando alimento, voando apenas quando está em perigo. No Jardim Botânico, é comum avistar esses animais nadando pelo lago ou descansando à beira.



Canário-da-terra

O canário-da-terra ocorre do Maranhão ao Rio Grande do Sul, habitando regiões descampadas, como cerrados, caatingas e campos de cultura. Alimenta-se de sementes no chão e ocasionalmente, de insetos. Vive em grupos, às vezes de dezenas de indivíduos, sendo comum que os machos briguem entre si pelas fêmeas.



Martim-pescador-pequeno

O martim-pescador-pequeno é a espécie de martim-pescador mais comum no Brasil. Para alimentar-se, pousa na vegetação à beira d'água, de onde observa suas presas antes de mergulhar. Às vezes, paira no ar antes de mergulhar. Come peixes de 3 a 5,5 centímetros e crustáceos. Habita os lagos com rica vegetação aquática, beira de rios e manguezais. No Jardim Botânico, é comum avistá-los mergulhando no lago principal em busca de alimento.



Biguá

O biguá é uma ave aquática que mergulha em busca de peixes e permanece um bom tempo debaixo d'água, indo aparecer de novo bem à frente, mostrando apenas o pescoço para fora d'água. Como suas penas ficam completamente encharcadas, é comum vê-lo pousado com as asas abertas ao vento. Alimenta-se de peixes, crustáceos, girinos, sapos, rãs e insetos aquáticos. Vive na orla marítima, rios, lagos, banhados, açudes, represas e manguezais. Embora seja um ótimo nadador e mergulhador, em terra é desajeitado, andando de maneira gíngada. Quase sempre é visto em grandes bandos voando próximo d'água, em formação em “V”, mas fora da época de reprodução é geralmente solitário. No Jardim Botânico, é comum avistá-lo pousado sobre a escadaria do lago principal, com as asas abertas.



Quero-quero

O quero-quero costuma viver em banhados e pastagens. Possui um esporão pontudo no encontro das asas, que é exibido a rivais ou inimigos com um alçar de asa ou durante o voo. Se alimenta de invertebrados aquáticos e peixes que encontra na lama, além de artrópodes e moluscos terrestres. É uma ave briguenta que provoca rixa com qualquer outra espécie habitante do mesmo local. No Jardim Botânico, é comum avistar estes animais pelo gramado no entorno do lago principal.



Pomba-asa-branca

A pomba-asa-branca vive nos campos com árvores, áreas urbanas, cerrados, caatingas e florestas de galeria. Alimenta-se de sementes e pequenos frutos, geralmente coletados no solo. É uma ave migratória como outras pombas, ou seja, em determinada época do ano se desloca em bando para áreas com melhores condições de alimentação e posteriormente, retorna para a área de reprodução, repetindo esse ciclo anualmente.



Jacu

O jacu é uma ave de grande porte. Sua plumagem é escura e a garganta é ornamentada com uma barbel vermelha. Habitam zonas de florestas e se alimentam principalmente de frutas, atuando como importantes dispersores de sementes. Geralmente são vistos aos pares ou em pequenos grupos. No Jardim Botânico, esses animais podem ser facilmente avistados por todo o espaço, seja no solo ou empoleirados nas árvores.



Tucano-de-bico-verde

O tucano-de-bico-verde apresenta papo amarelo e bico verde. Alimenta-se de frutos do palmito, frutos da embaúba, pitanga, artrópodes e pequenos vertebrados, sendo que com frequência alimenta-se de filhotes e ovos em ninhos de outras aves. Habitam áreas florestadas, desde o litoral até zonas montanhosas. No Jardim Botânico, é comum avistar estes animais na copa de árvores altas.



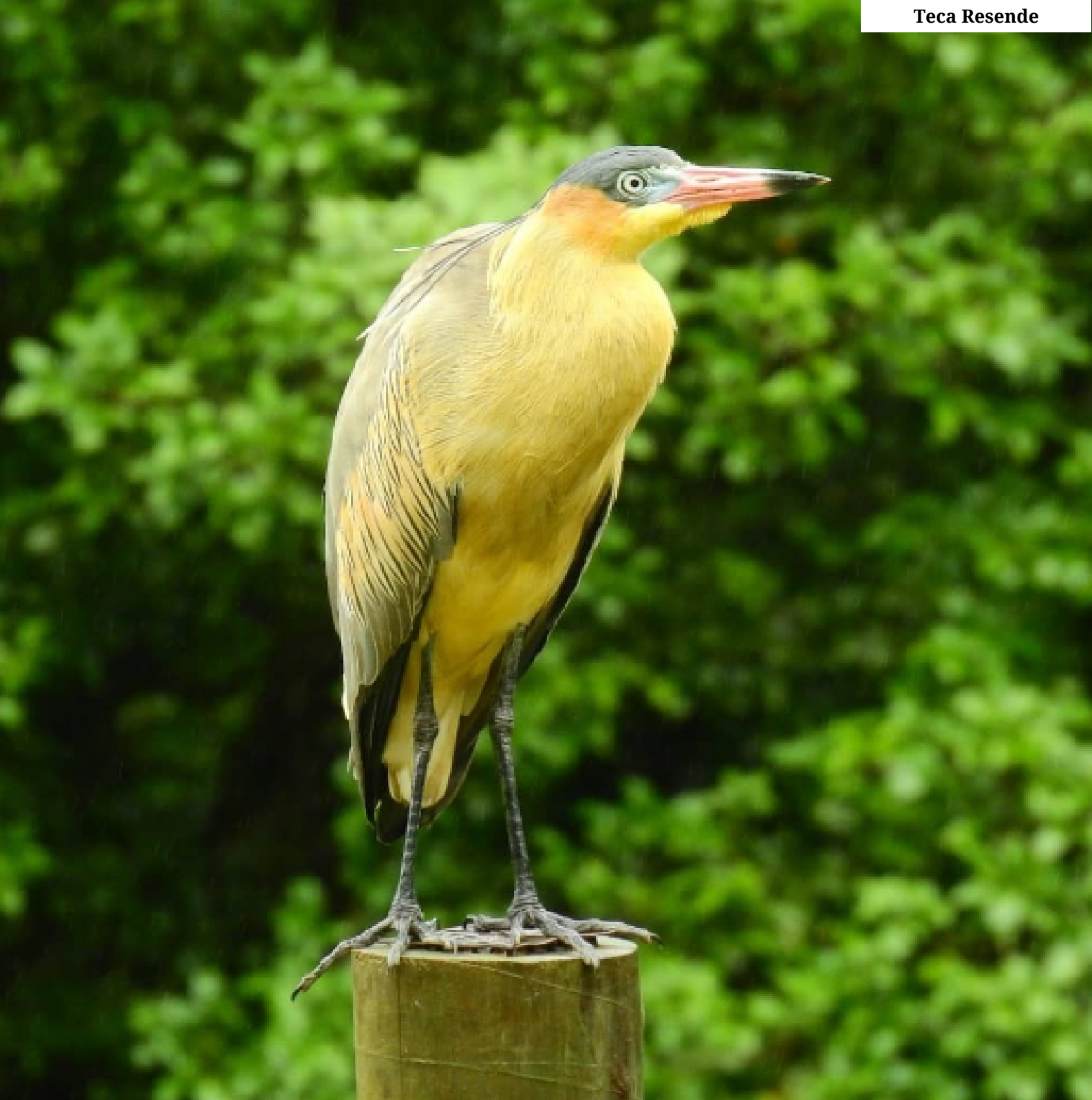
Juruva

O juruva possui plumagem peculiar e chamativa por sua beleza. Alimenta-se de grandes insetos, moluscos, pequenos répteis e mamíferos, além de alguns frutos. Ocorre tanto nas baixadas litorâneas quanto nas montanhas. É uma ave madrugadora, que costuma cantar pouco antes do amanhecer. Ativo durante o dia, gosta de ciscar no solo onde passa um bom tempo.



Rabo-branco-rubro

O rabo-branco-rubro é um dos menores beija-flores do Brasil. Alimenta-se principalmente de néctar das flores, mas come também pequenos artrópodes. Vive em áreas próximas a florestas, capoeiras, jardins e quintais, passando facilmente despercebido. Voa a baixa altura com um zumbido agudo semelhante ao de uma grande abelha.



Maria-faceira

A maria-faceira é uma ave inconfundível. O nome comum está ligado às cores espetaculares da cabeça: face azul-claro e coroa cinza-escuro ou preta, que continua com longas penas ornamentais amarelas ou brancas. Passa a maior parte do tempo no solo, andando à procura de insetos. Se alimenta também de anfíbios, minhocas, pequenos roedores e peixes. É a única garça originalmente brasileira que vive tanto em locais alagados quanto em locais secos. Costuma viver sozinha ou aos pares, em territórios fixos.



Frango-d'água

O frango-d'água ou galinha-d'água, está presente em todo o Brasil e em quase todo o continente americano. Alimenta-se de uma grande variedade de material vegetal, além de pequenos animais aquáticos. É comum em lagos com vegetação aquática e margens pantanosas. E apesar de ser um excelente voador, quando assustado pode voar de uma forma desengonçada, correndo na superfície da água com ajuda das asas. No Jardim Botânico, é comum avistar estes animais próximos aos lagos ou em locais de terreno úmido.



Tucanaçu

O tucanaçu apresenta como característica marcante, um enorme bico alaranjado com uma mancha negra na ponta. Sua dieta consiste basicamente de frutas (geralmente banana e mamão), insetos e artrópodes, mas em certas ocasiões pode até saquear ninhos de outras aves e devorar ovos e filhotes. Vive aos pares ou em bandos de duas dezenas de aves que voam em fila.



Teque-teque

O teque-teque é uma ave de pequeno porte, nativa da região brasileira, mais especificamente da Mata Atlântica. Alimenta-se de pequenos frutos e captura insetos em pleno ar, além de caçar invertebrados no meio das folhagens da copa das árvores. De movimentos ligeiros, quase nunca fica imóvel, levantando e baixando a cauda de maneira constante.



Sanhaço-do-coqueiro

O sanhaço-do-coqueiro está frequentemente associado a palmeiras, daí seu nome popular. Caça insetos no meio das folhas ou os apanha em voo, complementando a dieta com néctar e frutos, especialmente da embaúba. Muito ativo, vive em casais e pequenos grupos. Está sempre se movimentando nas horas frescas do dia.



Beija-flor-de-peito-azul

O beija-flor-de-peito-azul é um dos menores beija-flores, embora muito ativo e briguento. Assim como outros beija-flores é um dos principais agentes polinizadores de várias plantas, inclusive de algumas bromélias ornamentais. Gosta muito das áreas urbanas, frequentando bebedouros com água açucarada, onde briga constantemente com o beija-flor-tesoura.



Gavião-caramujeiro

O gavião-caramujeiro também é chamado de gavião-pescador. Alimenta-se quase exclusivamente de grandes caramujos aquáticos chamados aruás. Utiliza o bico curvo para retirar as partes moles dos caramujos, deixando cair a casca vazia. Captura os aruás executando um voo rasante sobre os pântanos, pegando-os no chão ou na água com apenas um dos pés e empoleirando-se para comer. Vive em brejos, lagoas e pastos alagados. Em voo é facilmente reconhecível pelas longas asas curvadas formando uma letra 'M'. No Jardim Botânico, é comum avistá-lo se alimentando de caramujos à margem dos lagos.



Gralha-do-campo

A gralha-do-campo ou gralha-do-peito-branco, possui um topete característico. Sua ampla dieta inclui frutos, insetos, sementes, bagas, pequenos répteis, ovos de outras espécies de pássaros e de aves domésticas como a galinha. Vive em grupos de 4 a 8 indivíduos e se locomove facilmente entre os galhos fechados de uma árvore, dando pulos e fazendo vôos curtos. É uma ave bastante barulhenta que raramente desce ao solo. No Jardim Botânico, é comum avistá-la pousada sobre as árvores, entoando seu alto canto.



Pica-pau-de-banda-branca

O pica-pau-de-banda-branca ou pica-pau-de-topete-vermelho, está presente em todo o Brasil. Sua alimentação é principalmente à base de insetos, especialmente brocas da madeira. Vai dando batidas na madeira e arrancando a casca até encontrá-la, depois usa sua longa e pegajosa língua para pegá-la. Pode se alimentar também de sementes e frutos. Vive solitário ou aos pares.



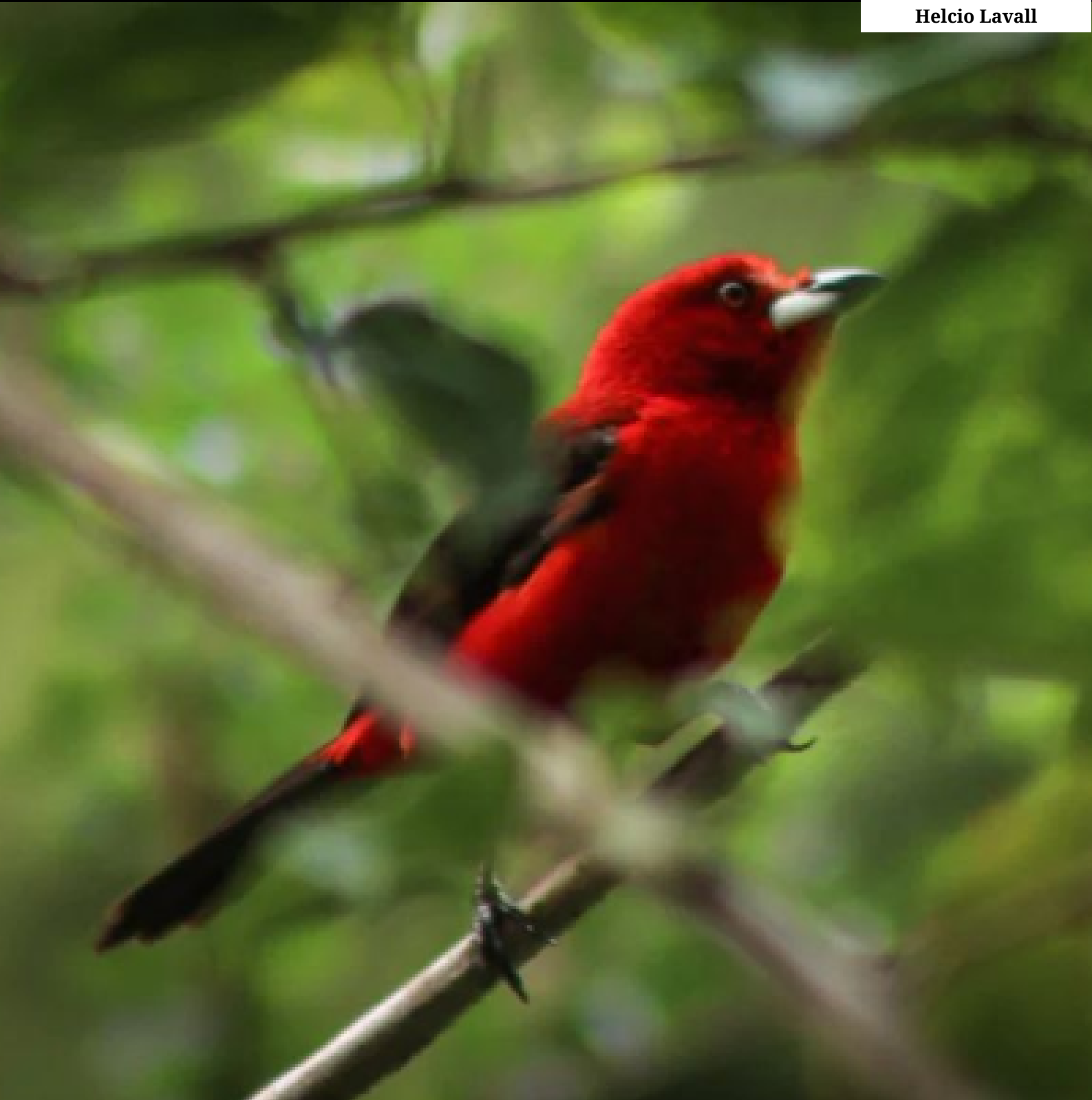
Saracura-do-mato

A saracura-do-mato ou saracura-do-brejo, ocorre no sudeste do Brasil e nas partes vizinhas do Paraguai e Argentina. Possuem uma alimentação bastante variada, sendo composta por invertebrados, frutos, folhas, pequenos mamíferos e, principalmente, anfíbios e suas desovas. São comuns em matas e capoeiras alagadas e muitas vezes à beira de rios.



Alma-de-gato

A alma-de-gato ocorre em todo o Brasil e tem uma vasta distribuição na América Latina. Alimenta-se basicamente de insetos, principalmente lagartas, que captura ao examinar as folhas. Também consome frutas, pererecas e ataca filhotes de aves de outras espécies. Apesar de seu tamanho, consegue se deslocar sem ser facilmente notada. Vive sozinha ou aos pares.



Tiê-sangue

O tiê-sangue é símbolo da Mata Atlântica e facilmente reconhecido pela beleza de sua plumagem vermelha. A plumagem do macho é de um vermelho-vivo, enquanto a da fêmea é menos vistosa. Se alimenta de frutos, tendo preferência pelos frutos da embaúba, mas também consomem insetos e vermes. Geralmente vive aos pares.



Pica-pau-rei

O pica-pau-rei é considerado o maior pica-pau do Brasil. Produz um som quase instrumental através de repetidos golpes do bico sobre a superfície de troncos secos ou ocos, que proporciona boa ampliação do som. Se alimenta principalmente de insetos, martelando o tronco das árvores com força, perfurando a casca e capturando as presas com a língua pegajosa, que também é adequada para lamber o sumo de frutas moles.



Araçari-de-bico-branco

O araçari-de-bico-branco é fácil identificável pelo bico, que é branco na região superior e preto na região inferior. Alimenta-se de coquinhos e frutos, artrópodes e pequenos invertebrados. As espécies vegetais que o araçari mais gosta são a palmeira-juçara e a canela. Vive normalmente em grupos com cerca de 10 indivíduos. No Jardim Botânico, é comum avistá-lo em árvores frutíferas.



Bem-te-vi

O bem-te-vi é provavelmente, o pássaro mais popular do nosso país, podendo ser encontrado em cidades, matas, árvores à beira d'água, plantações e pastagens. Sua alimentação é variada, composta de insetos, frutas, flores de jardins, minhocas, pequenas cobras, lagartos, crustáceos, além de peixes e girinos de rios e lagos de pouca profundidade. É agressivo, ameaçando até gaviões e urubus quando esses se aproximam de seu “território”. É um dos primeiros a cantar ao amanhecer. Anda geralmente sozinho, mas pode ser visto em grupos de três ou quatro indivíduos.



Urubu

O urubu é uma ave bastante conhecida por se alimentar de organismos em decomposição. Dessa forma, ele contribui para a limpeza do meio ambiente, pois garante a eliminação de carcaças de animais mortos. Possuem olfato e visão desenvolvidos, características que favorecem a busca de alimentos. São aves de grande porte, encontradas exclusivamente no continente americano.



Carcará

O carcará, também conhecido como gavião-de-queimada e gavião-calçudo, possui uma distribuição geográfica ampla, que vai da Argentina até o sul dos Estados Unidos, ocupando toda uma variedade de ecossistemas, fora a cordilheira dos Andes. É tanto visto sozinho, como em bandos numerosos ao redor de mamíferos e carcaças. Ocorre em campos abertos, cerrados, bordas de matas e centros urbanos de grandes cidades. São onívoros, ou seja, alimentam-se de quase tudo o que acham, animais vivos ou mortos e até o lixo produzido pelos humanos.



Saíra-douradinha

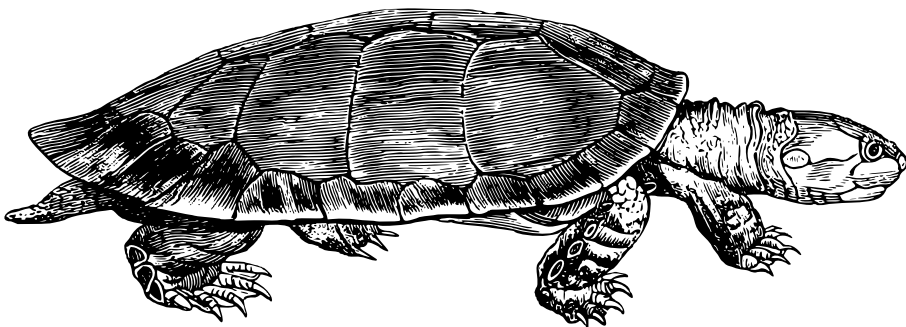
A saíra-douradinha, também chamada de douradinha ou saíra-brasil, é uma ave que se destaca pela beleza da plumagem multicolorida, que se sobressai na mata. Ocorre no Nordeste e Sudeste do Brasil, sendo abundante em regiões montanhosas. Geralmente é vista aos pares ou em pequenos grupos, podendo acompanhar bandos mistos. Alimenta-se de pequenos frutos, atuando como dispersora de sementes.



Tuim

O tuim, chamado popularmente de periquitinho, é a menor ave da família dos papagaios e periquitos no Brasil. Habitam as bordas de matas ribeirinhas, matas secas e cerradões. Alimentam-se de sementes de grama e plantas herbáceas, bagas, frutos e brotos. Vivem em bandos de até 20 indivíduos e sempre que pousam, se agrupam em casais. Devido à sua coloração, se camuflam, facilmente, em meio às folhas das árvores.

Répteis





Jararaca

A jararaca é uma serpente peçonhenta encontrada no Brasil, desde a Bahia até o Rio Grande do Sul e em regiões próximas ao Paraguai e Argentina. Possui hábitos predominantemente terrestres, embora os juvenis possam ser encontrados nas árvores. As fêmeas são maiores que os machos, pois precisam de mais espaço em seus corpos para abrigar os embriões. A alimentação da jararaca é baseada principalmente em pequenos roedores, especialmente ratos, mas sua dieta também pode incluir outros répteis e anfíbios. Uma característica marcante dessa serpente é o seu policromatismo, ou seja, seu padrão de cores varia de uma cobra para outra. Possuem desenhos em forma de ferradura nas laterais do corpo, com cores geralmente mais escuras do que o restante do corpo.



Cascavel

A cascavel é uma cobra peçonhenta cuja distribuição geográfica está restrita a América do Sul. Uma das principais características desta cobra é a presença de um chocalho na parte final de sua cauda, sendo a finalidade do som produzido por ele, advertir a sua presença e espantar os animais de grande porte que lhe poderiam fazer mal. Tem cor castanha, com desenhos geométricos em forma de losangos brancos e negros ao longo do corpo. Alimentam-se principalmente de pequenos mamíferos, aves e lagartos. Apesar de serem vistas durante o dia, possuem hábitos predominantemente noturnos e embora sejam perigosas, fogem rapidamente quando avistadas.



Falsa-coral

A falsa-coral é uma serpente que possui uma coloração muito similar à das corais-verdadeiras. Dessa forma, conseguem afastar possíveis predadores, pois apesar de não serem venenosas, essas serpentes imitam as características físicas das corais-verdadeiras, que são extremamente perigosas. São encontradas em várias regiões do Brasil. Os adultos se alimentam de outras cobras, enquanto os jovens caçam pequenos lagartos. Para se defender, têm a capacidade de achatar o corpo e enrolar a cauda.



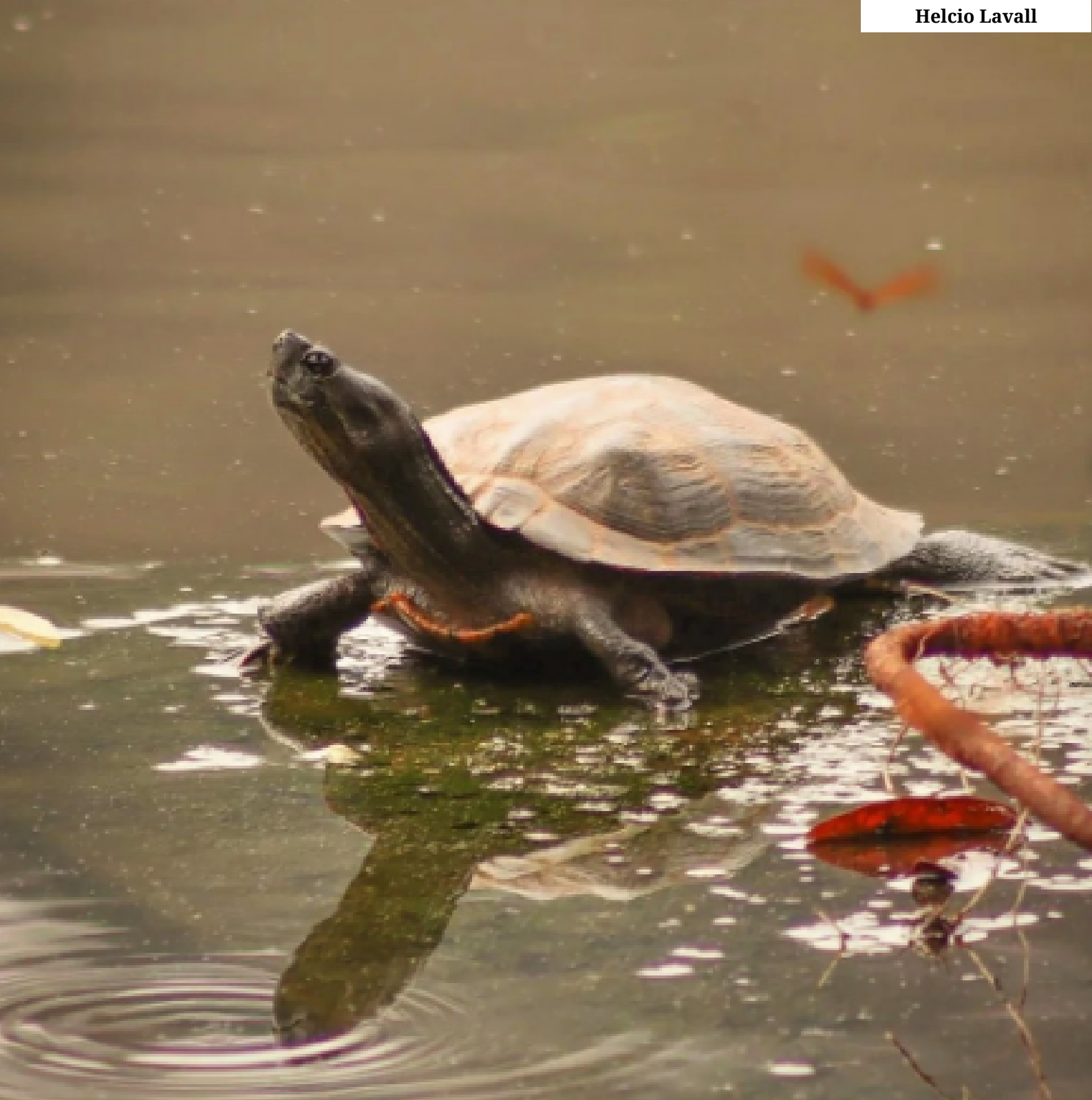
Cobra-cipó-verde

A cobra-cipó-verde é encontrada na Mata Atlântica, assim como no Uruguai e na Argentina. Não é uma espécie peçonhenta, o que significa que não é capaz de injetar toxinas em suas presas. Se camuflam na paisagem e podem ser encontradas em arbustos e árvores, mas também descem frequentemente ao chão. Sua alimentação consiste em anuros terrestres e arborícolas, como rãs e pererecas. São rápidas e esquivas, e quando avistadas ou incomodadas, costumam fugir da presença humana ou de outros predadores. Quando acuadas, levantam a parte dianteira do corpo, inflam o pescoço e abrem a boca amplamente, mas caso a ameaça persista, desferem o bote.



Teiú-gigante

O teiú-gigante é uma espécie de lagarto que habita grande parte do Brasil. Seu hábito alimentar, como de outras espécies de lagarto, é caracterizado por ser amplamente diverso, variando entre pequenos animais, carcaças, ovos e frutas. São répteis de hábitos diurnos, podendo ser facilmente visto em dias chuvosos ou quentes (nos meses entre agosto e abril). Já em períodos de seca ou frio (entre maio e julho), buscam abrigo em tocas cavadas na terra, onde hibernam, ou seja, passam por um longo período de dormência. No Jardim Botânico, é comum avistar estes animais caminhando pelo local nas horas mais quentes do dia.



Tartaruga-tigre-d'água

A tartaruga-tigre-d'água ou tartaruga-verde-e-amarela, pode ser encontrada no Brasil, Uruguai e Argentina. Seu nome deve-se a sua coloração verde com listras amareladas e alaranjadas. Como são animais aquáticos, vivem em lagos, riachos, rios, zonas de pântanos e banhados. Sua dieta é composta por material vegetal, moluscos, insetos, crustáceos, anuros e peixes. No Jardim Botânico, é comum avistar esse animal nadando pelos lagos ou à beira destes.



Cágado-de-barbicha

O cágado-de-barbicha é uma espécie de pequeno porte que apresenta uma ampla distribuição geográfica na América do Sul. São frequentemente encontrados em rios, lagos e lagoas com correnteza lenta. São carnívoros e se alimentam principalmente de artrópodes, moluscos e peixes. Eles são considerados animais diurnos e tendem a ser mais ativos durante os meses mais quentes e secos. No Jardim Botânico, é comum avistar esse animal nadando pelos lagos ou à beira destes.

Antíbios





Sapo-cururu

O sapo-cururu, também conhecido como sapo-boi ou cururu, é uma espécie de sapo encontrada nas Américas Central e do Sul. Ele é caracterizado por seu grande tamanho e também pela presença de glândulas de veneno. Tanto os adultos quanto os girinos são altamente tóxicos se ingeridos. Sua dieta é composta por pequenos vertebrados e invertebrados, tornando-se uma das poucas espécies de sapos com uma alimentação onívora. Para se proteger de predadores, podem inflar os pulmões, parecendo maiores do que realmente são. São mais ativos durante a noite e podem viver longe da água, procurando-a apenas para fins de reprodução.



Perereca-verde

A perereca-verde ou perereca-araponga é uma espécie encontrada apenas no Brasil, sendo comum na Mata Atlântica. Recebe o segundo nome popular devido a sua vocalização, que é parecida com o canto da araponga, uma ave que emite um som metálico e alto. Durante a atividade reprodutiva, os machos podem se reunir em grupos de 2 a 8 indivíduos próximos a poças d'água, em cima de galhos e folhas. Só vocalizam no período noturno.



Perereca-dormideira

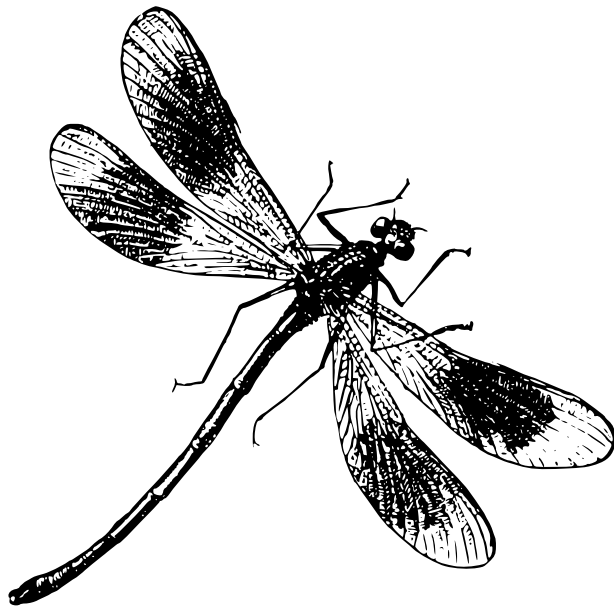
A perereca-dormideira é natural da Mata Atlântica. Seu nome popular pode ser atribuído a uma estratégia de sobrevivência comum entre os anuros (sapos, rãs e pererecas): a tanatose. O animal simula sua morte, permanecendo imóvel e com o abdômen para cima. É normalmente encontrada em vegetação baixa próxima a corpos d'água e áreas alagadas.



Perereca-de-folhagem

A perereca-de-folhagem é uma espécie amplamente distribuída pelo território brasileiro, ocorrendo desde o norte de Sergipe até o sul de São Paulo. São arborícolas (vivem nas árvores) e são frequentemente encontradas em vegetações arbustivas próximas a lagoas no interior de matas. Sua atividade ocorre durante a noite, quando saem em busca de alimento e de parceiros para reprodução. Esses animais se movimentam de forma lenta, utilizando uma marcha característica, e raramente realizam saltos para se locomover.

Artrópodes





Aranha-caranguejo-das-flores

A aranha-caranguejo-das-flores recebe esse nome graças às características de suas pernas da frente, maiores e mais robustas que as demais, que se assemelham às garras dos caranguejos. Uma vez que vive nas flores, essa aranha se camufla com as cores da flor em que reside, evitando que seja vista por predadores.



Aranha-do-fio-dourado

A aranha-do-fio-dourado é facilmente reconhecida por seu tamanho, seu formato exótico e sua bela coloração, que a torna distinta entre as demais aranhas. As fêmeas constroem teias enormes e muito bem elaboradas, às vezes chegando a 1 metro de diâmetro. Essas teias, construídas com característico fio de seda amarelo, brilham no momento em que o sol incide. São elaboradas estrategicamente entre os galhos das árvores, na altura em que costumam voar insetos, como borboletas, mariposas e gafanhotos, de que essas aranhas se alimentam.



Aranha-caranguejeira

A aranha-caranguejeira ou tarântula, se caracteriza pelo corpo revestido de cerdas urticantes e por ser a maior entre as aranhas. Existem cerca de 900 espécies diferentes de aranhas-caranguejeiras, as quais se diferenciam, principalmente, por sua coloração. São carnívoras e se alimentam de diferentes espécies, incluindo até mesmo presas grandes, como morcegos e aves. Apresentam hábitos noturnos, saindo à noite de seus esconderijos para caçar ou se reproduzir. Geralmente são encontradas em tocas, sob pedras e cascas de árvores.



Broca-do-bambu

A broca-do-bambu é um besouro de pernas longas e bico longo, fortemente curvado. As fêmeas perfuram os brotos jovens dos bambus e põem um ovo em cada perfuração, assim as larvas se desenvolvem no interior dessas plantas e são consideradas uma praga.



Libélula

A libélula, também conhecida popularmente como lavadeira, tem o abdômen bastante alongado e dois pares de asas quase transparentes. São insetos predadores e alimentam-se de outros insetos, como mosquitos e moscas. Tem preferência por habitats próximos a corpos de água estagnada (poças ou lagos), zonas pantanosas ou perto de riachos. As larvas de libélula são aquáticas, carnívoras e extremamente agressivas, podendo alimentar-se não só de insetos, mas também de girinos e peixes juvenis. No Jardim Botânico, é comum avistá-las próximo aos lagos.



Abelha irai

A irai é uma abelha sem ferrão. Uma característica desta abelha é que as operárias fecham a entrada da colmeia à noite e reabrem pela manhã. O mel produzido por ela possui propriedades antimicrobianas (tem capacidade de reduzir a presença de micróbios como bactérias e fungos), sendo também um bom complemento nutricional e agente terapêutico no campo da medicina.



Abelha mombucão

A abelha mombucão é mansa, vivendo em colônias grandes, localizadas em ocos de árvores. A entrada dos ninhos é pouco visível e de tamanho reduzido, não havendo tubo de entrada. Uma característica importante dessa espécie, é que ela necessita de muita umidade dentro da colônia.



Abelha mandaçaia

A mandaçaia é uma abelha sem ferrão, com o corpo robusto. Constrói seus ninhos dentro de cavidades existentes nos troncos ou galhos das árvores, sendo que a entrada possui espaço que permite a passagem de somente uma abelha por vez.



Abelha tubuna

A abelha tubuna é bastante defensiva e agressiva. As colméias possuem entrada em forma de tubo ou funil, sendo encontradas em ocos de árvores grossas. Essa espécie concentra suas atividades pela manhã, evitando as horas mais quentes do dia.



Abelha mirim-preguiça

A abelha mirim-preguiça é uma espécie sem ferrão, mansa e frágil. Recebe esse nome porque só inicia seu trabalho quando a temperatura se aproxima de 20°C, ou seja, por volta das 10 horas da manhã. É uma espécie facilmente reconhecida pelo voo, já que antes de pousar na flor, faz uma espécie de dança em zigue-zague.



Cigarra

A cigarra é notável devido à cantoria entoada pelos machos, que é ouvida no período quente do ano e tem como principal objetivo, atrair as fêmeas. Possuem um bico comprido para se alimentar da seiva de árvores e plantas onde normalmente vivem. Em intervalos, durante o crescimento e a metamorfose, o inseto passa pelo processo de muda. Este processo é induzido por um hormônio esteroide e resulta na formação de uma nova cutícula e o abandono (ecdise) da velha. No Jardim Botânico, é comum avistar esses animais, ou as cutículas antigas (exúvias), nos troncos das árvores.



Lagarta-de-fogo

A lagarta-de-fogo, como o próprio nome indica, provoca ardência intensa ao entrar em contato com a pele. Esta e outras lagartas são também conhecidas popularmente como taturana - nome originário do tupi, "tatarana", que remete a "aquilo que arde como fogo" ou "semelhante a fogo". As lagartas assumem esta condição temporariamente para, depois, se tornarem lindas borboletas ou mariposas.



Borboleta (*Historis odius*)

Historis odius é uma espécie de borboleta distribuída pela América Central e América do Sul. Quando vista de asas fechadas se parece com uma folha seca. Habita as clareiras e bordas das florestas tropicais, bem como margens de rios e pomares. Alimenta-se do suco dos frutos maduros e da seiva das árvores. Já suas larvas, alimentam-se especificamente de folhas de embaúba.



Besouro (*Psiloptera attenuata*)

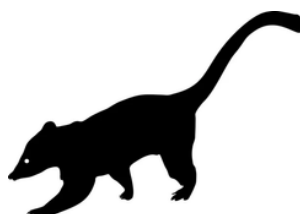
Os besouros possuem dois pares de asas: as asas externas que são bem duras e servem de proteção às asas internas; as internas que são menos rígidas, transparentes, finas e possibilitam o voo. A maioria se alimenta de plantas e folhas, mas algumas espécies podem consumir pólen e outros insetos. Embora possam voar, passam a maior parte do tempo no solo ou em vegetações baixas.



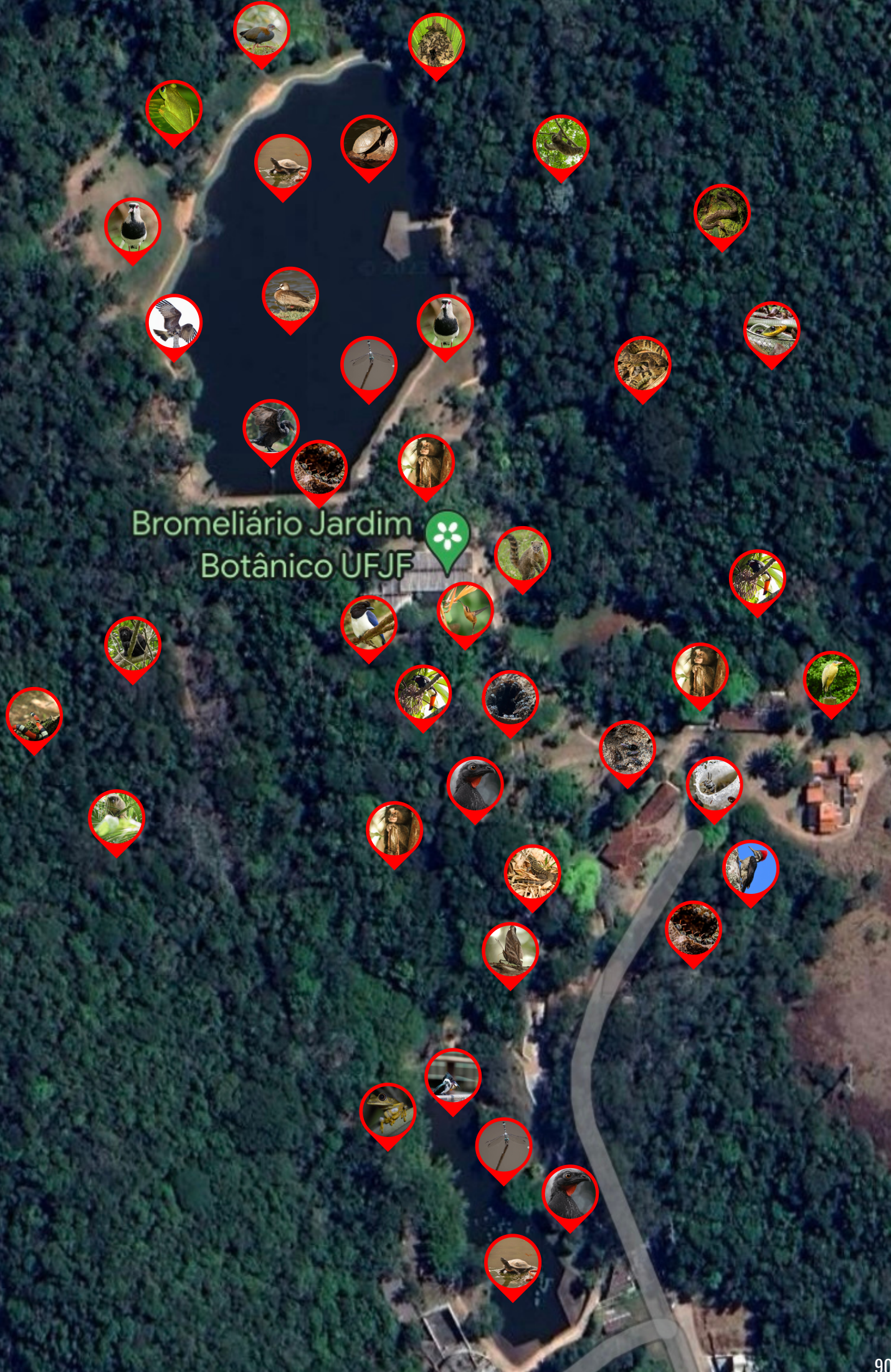
Vespa (*Polybia platycephala*)

Polybia platycephala é uma espécie de vespa social enxameante, ou seja, cujos indivíduos se agrupam formando um enxame. Tem distribuição geográfica ampla, estendendo-se da Argentina até os Estados Unidos. Seus ninhos são feitos de papel e compostos de uma série de favos sobrepostos, recobertos por um envelope com um único orifício de entrada. As vespas, popularmente conhecidas como marimbondos, costumam caçar presas, tais como as lagartas, para alimentar suas larvas em desenvolvimento. Já as vespas adultas, costumam se alimentar de néctar ou substâncias açucaradas obtidas em frutos.

Mapa com possíveis localizações dos animais no Jardim Botânico da Universidade Federal de Juiz de Fora



Bromeliário Jardim
Botânico UFJF



REFERÊNCIAS

AMPHIBIAWEB Search. Disponível em: <https://amphibiaweb.org/search/search_aw.html>. Acesso em: 30 de junho de 2023.

ANDRADE, Rogério de Oliveira; SILVANO, Renato A. Matias. Comportamento alimentar e dieta da “falsa-coral” *Oxyrhopus guibei* Hoge & Romano (Serpentes, Colubridae). *Revista Brasileira de Zoologia*, Curitiba, v. 13, n. 1, p. 143-150, 1996.

BARROS, L. A. A. ZOOLOGIA. São Paulo: Nobel, 1973.

BARNES, R. D. & RUPPERT, E. Zoologia dos Invertebrados. 6 ed. São Paulo: Editora Roca, 1996.

HICKMAN JR, C. P.; ROBERTS, L. S.; LARSON, A. Princípios integrados de Zoologia. 16 ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2016.

JARDIM BOTÂNICO UFJF. Disponível em: <<https://www2.ufjf.br/jardimbotanico/>>. Acesso em: 24 de junho de 2023.

ORR, R. T. Biologia dos vertebrados. 5 ed. São Paulo: Ed. Roca, 1986.

REIS, NÉLIO REIS; PERACCHI, ADRIANO L.; PEDRO, WAGNER A. & LIMA, ISAAC P. (Editores). Mamíferos do Brasil. Londrina. 437p, 2006.

ROCHA, Monalisa de Paula. Biologia e ecologia comportamental da vespa social *Polybia platycephala* (Richards, 1978) (Hymenoptera, Vespidae, Epiponini). Orientador: Prezoto, Fábio. 2022. Dissertação (Mestrado) – Curso de Ciências Biológicas, ICB – Instituto de Ciências Biológicas, Universidade Federal de Juiz de Fora, 2011. Disponível em: <https://repositorio.ufjf.br/jspui/handle/ufjf/2165>. Acesso em: 11 de julho de 2023.

STORER, T. Zoologia Geral. 6 ed. São Paulo: Companhia editora Nacional, 2002.

WIKIAVES. WikiAves, a Enciclopédia das Aves do Brasil. Disponível em: <<http://www.wikiaves.com.br/>>. Acesso em: 28 de junho de 2023.

